



PRÓ-SABER



DE SONHO E
RESISTÊNCIA

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

MÔNICA BONAFÉ SILVA

**O RELEXO DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Rio de Janeiro

2017

MÔNICA BONAFÉ SILVA

**O RELEXO DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Paula Padilha

Rio de Janeiro

2017

B6401r	<p>Silva, Mônica Bonafé</p> <p>O reflexo da filosofia na formação do professor de educação infantil / Mônica Bonafé Silva.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– fl.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Esp. Dra. Paula Padilha</p> <p>1. Educação infantil. 2. Filosofia. 3. Formação de Professores. 4. Linguagem. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 2017.

MÔNICA BONAFÉ SILVA

Dedico esse trabalho à professora Paula Padilha, a cada criança que tive o privilégio de educar, e que foram fundamentais para sua realização. À minha adorada mãe e as minhas filhas Suelen, Suiane, Celine e Cecília (em memória). A vocês o meu amor e minha escrita.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que foi meu sustento nessa jornada.

À minha mãe, Dalva Bonafé, que é uma pessoa extraordinária, que me incentivou a continuar estudando, e que a toda hora demonstra o poder transformador do amor e da perseverança, com suas ações e palavras.

Às minhas filhas, Suelen, Suiane, Celine e Cecilia (em memória) que me ensinaram o quão imensurável pode ser o amor, que me animaram a continuar nessa empreitada e que por vezes superestimam minha capacidade de educanda.

Ao Sebastião Salvador, que teve que lidar com essa nova rotina imposta pelo trabalho e estudo, que modificou a dinâmica estrutural do nosso lar.

À minha família, em especial aos meus irmãos; Marcelo (em memória) e Marcia e aos meus lindos sobrinhos; Bruno, Felipe, Juliana e Victor.

A Josefa Maria (Detinha), a melhor amiga que uma pessoa pode desejar.

Agradeço também a Cláudia Sabino que me abriu as portas da educação infantil, despertando em mim o amor por ensinar e aprender.

A todas as funcionárias da Creche Chácara do Céu que estiveram partilhando essa experiência comigo ao longo desses anos.

À turma 2015 que embarcou comigo nessa jornada em busca da teoria e que como eu encontrou uma nova concepção de educação e de vida. Em especial, ao subgrupo, que intitulamos Bonde 409, composto pelas alunas: Cleide, Fabiane, Florenita, Natália, Simone e Roberta.

A todos os professores do Pró-Saber, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e, que possibilitaram que eu me reconhecesse como sujeito que está no mundo para ser centelha e que se incendeia e é incendiado na relação com outro sujeito.

À professora Paula Padilha pela disponibilidade e incentivo na orientação, que tornou o percurso da minha escrita mais fácil.

A Del, professora querida, pelo apoio e incentivo. Viva!

A toda a equipe do Pró-Saber pelo carinho e atenção ao longo desses três anos de convivência.

A todas as crianças, meus alunos, que me possibilitaram a reflexão que faço a seguir em meu texto, sem elas essa experiência nunca se faria.

“Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e também que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nossos pensamentos porque não pensamos com pensamentos, não pensamos de acordo com uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. Pensar é dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”.

Jorge Larrosa

RESUMO

A monografia pretende abordar a relevância da filosofia na formação do professor de educação infantil e seu reflexo na prática. A partir da metodologia utilizada no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, que propicia a construção de um novo olhar para a ação educativa, para o professor e para a criança, o estudo irá apontar a importância da linguagem nessa construção.

Palavras-Chave: Filosofia. Ação educativa. Professor. Criança. Linguagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA	13
1.1 A história e o contexto	13
1.2 Reconstrução do olhar	15
2 CUIDAR É EDUCAR	18
3 LINGUAGEM: A CONEXÃO ENTRE O PROFESSOR, A CRIANÇA, E O MUNDO	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Filosofia e Educação Infantil, se me perguntassem há alguns anos atrás o que um conceito tem a ver com outro, diria que nada. Mas um dos conhecimentos adquiridos nas aulas de filosofia no curso de formação do Pró-Saber foi aprender a questionar, a refletir, a me tornar um ser crítico. Por isso considero a filosofia essencial para a educação.

Impulsionada pelo desejo de compreender o papel da filosofia na formação do professor, percebi que o que antes me angustiava era a dificuldade de achar sua utilidade na prática docente, por ter vivido em espaços onde a disciplina era ensinada como conteúdo programático. Mas constatei que a filosofia nos proporciona uma perspectiva de novos olhares, uma abertura para pensar e refletir sobre as ações do nosso cotidiano

A filosofia não veio afirmar ou negar qualquer proposta pedagógica, muito pelo contrário, me instigava a uma prática investigativa em que precisei compreender que a questão central é o humano e que o professor precisa estar o tempo todo aprendendo sobre si mesmo para se reconhecer no outro e com o outro, elaborando questões que o conduza e possibilite a pensar sua própria realidade.

Pensar é um ato contínuo. Assim como todo aprendizado precisa ser alimentado de cuidados permanentes, exercitados nas ações, nas relações humanas e nas experiências únicas de cada ser humano.

A filosofia experienciada no Pró-Saber contribuiu para que eu pudesse me perceber e ter ciência de que não sou detentora de todas as respostas, fazendo-me consciente da importância do meu papel em minha própria formação e na de meus alunos. A partir desse momento, entendi que algumas de nossas ações são da ordem do inconsciente, portanto, não temos controle sobre elas. É essa tomada de consciência que nos possibilita agir diferente e com responsabilidade; é uma construção que se dá nas relações – não é inata – e se nos deixarmos paralisar, deixamos de viver nossos sonhos, nossos desejos. Temos que superar o fato de termos sido tolhidos na concepção autoritária. Para isso é preciso atribuir sentido ao que se está sentindo: olhar, perceber, constatar para mudar.

Antes do curso de formação, acreditava que os filósofos e seus pensamentos ficavam apenas no campo das divagações. Mas, ao conhecer Walter Benjamin e seus conceitos de experiência e de narração, percebi o quanto seu pensamento

mudou o próprio conceito de ser criança. Afinal, o que é enriquecedor e significativo: o que os outros me impõem como verdade pré-estabelecida ou as verdades das experiências vividas?

Friedrich Nietzsche veio em nossas aulas corroborar meu apreço por filosofia na educação, ao falar sobre verdade e mentira no sentido extramoral. Segundo ele a linguagem é uma imposição e a dualidade de Apolo e Dionísio nos constitui reafirmando que a razão e a emoção são próprias do ser humano. Não há como separar uma da outra, ambas nos impulsionam a querer, a não estagnar, a mudar. Paixão e controle em um só ser, como capacidade e habilidade de transformação, descrita por Nietzsche no conceito de *Vontade de potência*. Fui fisgada também por Sócrates e Platão que proporcionaram uma mudança de visão de sociedade e de mundo. Por Hannah Arendt e a ação, quando ela diz que a obra tem que ser maior que o autor, quando traz a importância de se viver o coletivo. Por Paulo Freire e Dewey, na construção do cidadão crítico, assim como por Descartes e Maria Cecilia Almeida e Silva.

Fui tantas vezes impactada por esse oceano de filósofos e seus pensamentos que, por vezes, sinto que encontrei a minha Atlântida. "Só sei, que nada sei." Essa afirmação de Sócrates me faz perceber o quanto fui modificada, o quanto pude me conhecer, me avaliar, me reestruturar. Compreender que há sempre algo a se aprender e a ensinar.

Uma das coisas, se não a que mais me agrada, por ser gente, é saber que a história que me faz e de cuja leitura participo é um tempo de possibilidade, e não de determinismo. É por isso que, responsável em face da possibilidade de ser e do risco de não ser, minha luta ganha sentido. Na medida que o futuro é problemático, e não inexorável, a práxis humana – a ação é reflexão – implica decisão, ruptura, escolha. Implica ética. (FREIRE, 2013, p. 259)

A história nos convida a ser diferente, a não andar alienado. Depende da nossa ação e reflexão. Ser educador e educando é estar, antes de tudo, aberto para o novo, não na espera do que está por vir, mas para fazer parte do que poderá vir a ser. Como disse René Descartes, se vivemos sem filosofar estamos de olhos fechados, sem nunca termos tentado abri-los. Durante muito tempo, foi assim que vivi, apertei a tecla da sobrevivência e adormeci em um casulo, porque é muito mais fácil remar a favor da maré, esquecendo que uma hora a onda (vida) nos engole. O conhecimento me fez estar disponível às experiências. A filosofia me proporcionou um autoconhecimento, rompeu com a aridez da minha vida. Hoje posso refletir sobre

minhas ações e procurar fazer diferente, trazendo consciência e responsabilidade ao meu papel como educadora. Independente de estarmos inseridos e de comungarmos de uma concepção democrática é na ação do dia a dia que vamos revelando as marcas deixadas por nossas experiências. Há em nós uma força que nos leva a repetir o que vivenciamos e estar ciente disso nos instiga a questionar, a rever conceitos e transformá-los.

"Existo, logo penso!" Ouvir essa frase da professora Maria Cecilia Almeida e Silva, reitora do Pró-Saber, em um dos debates sobre a revista *Ao Largo*, me causou estranheza. Como assim? A frase de Descartes não seria "Penso, logo existo"? Eureka! É isso, pensar passa pela nossa existência como humanos. O ser vem antes do pensamento. Pensamento é palavra. Mas o que faço com a palavra determina o papel que assumirei, de protagonista ou de coadjuvante, atuando na própria história. A filosofia é o instrumento que nos permite estar abertos para o novo, para o inédito. Estabelece a relação entre o passado e o presente, não de forma linear, mas em uma espiral, por meio de questionamentos, pela exposição das ideias (tese) e pela busca de argumentos possíveis contra ela (antítese), em um ir e vir, em que mais importante que a resposta, é a pergunta. Se nos contentarmos com o que diz o senso comum, nunca haverá mudança. Cabe a todos nós rompermos com o estereótipo de massificação do pensamento. É necessário estarmos preparadas para atuar como educadoras.

Para essa reflexão organizei esse trabalho da seguinte forma:

O primeiro capítulo, *Reconstrução da história*, está subdividido em duas partes. A primeira parte, "A história e o contexto", aborda a história da educação infantil e o contexto da sala de aula. A segunda parte, "Reconstrução do olhar", traz o entrelaçamento da prática e da teoria sob a luz da filosofia. O segundo capítulo, *Cuidar é educar*, desvela o cuidado como uma aprendizagem de humanização. O terceiro capítulo, *Linguagem: a conexão entre o professor, a criança e o mundo*, fundamenta o modo como a linguagem é produzida e produtora das relações. Nas considerações finais, relato como essas construções se deram, mas sem dar um ponto final a essa experiência.

1 RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

Quando resolvi abordar esse tema da importância da filosofia na educação infantil, tinha necessidade de dizer o quanto meu percurso pela filosofia tornou possível um olhar mais apurado da minha prática como educadora e como pessoa. A abordagem que faço do tema não é a mais comum nos ramos acadêmicos, no entanto, me propus a escrevê-la povoada dos muitos sujeitos que se relacionam em mim. Pensar a formação de professores não como capacitação profissional, mas como instrumento que viabiliza, a partir de reflexão crítica, a construção de identidade e autonomia.

1.1 A história, o contexto, a sala de aula

Se olharmos para a história da educação infantil, veremos que a princípio ela não estava centrada na criança e sim na família, que precisava de um lugar onde deixar a criança. A visão assistencialista das creches e pré-escolas ainda permanece arraigada no pensamento de alguns professores, que buscam capacitação, mudam por fora (obtem diploma) e por dentro continuam iguais.

Hoje, as instituições de educação infantil têm por obrigação atender às crianças de todos os níveis sociais. Em 1988, a Constituição estabeleceu a educação infantil como espaço de ensino. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB passou a exigir professores com Normal médio ou terceiro grau. Em 1999, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Esses documentos são utilizados pelas instituições de educação infantil do país, como instrumento de elaboração e avaliação das propostas pedagógicas.

Aqui, no Rio de Janeiro, a educação infantil deixou de ser gerida pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SMDS e passou para a Secretaria Municipal de Educação - SME. Começaram a ocorrer alguns concursos públicos para a prefeitura: em 2006, para Agente Auxiliar de Creche - AAC, com a exigência de ensino fundamental; em 2010, o primeiro concurso para professor de educação infantil - PEI, com exigência de formação em pós-médio e; em 2015, também para PEI.

Antigamente, as mulheres entravam para a educação infantil por necessidade, em busca de um emprego que pudesse suprir o sustento de sua família, e os homens para ingressar na carreira pública. Ainda hoje há muita gente que pensa assim, mas essas barreiras estão sendo quebradas ao se valorizar a educação infantil, ao se fazer exigências de capacitações profissionais, ao se promover a creche como um espaço educacional e, sobretudo, ao mudar o foco da família para criança.

A educação infantil estende-se a todas as crianças. As mudanças sociais...têm conferido à educação infantil um papel importante na vida das crianças, desde muito pequenas, fazendo parte do processo de socialização das crianças de qualquer classe social, em complementação à ação da família. Sendo assim, muitas crianças pequenas também passam a ter seu cotidiano regulado por uma instituição educativa (CORSINO, 2012, p. 3).

Percebi que as leis e documentos são fundamentais, mas que a mudança deve partir de nós educadores, que estamos atuando diretamente com a criança no dia a dia. Constatei a importância da formação contínua e de qualidade para se conduzir um bom trabalho. Formação essa que compreende que a qualidade está diretamente ligada e correlacionada ao saber que percebe a criança como sujeito histórico-cultural-social. “É preciso assegurar o direito de brincar, criar, aprender, enfrentando os desafios de pensar a creche, a pré-escola e a escola como instâncias de formação cultural; o desafio de pensar as crianças como sujeitos de cultura e história, como sujeitos sociais” (KRAMER, 2003, p.10).

Partindo do pressuposto de que pensar é um aprendizado e de que somos seres sociais, e, portanto, aprendemos com o outro que nos influencia e atravessa, devo salientar o quanto a educação infantil é importante para a construção do pensamento pela criança. São as relações construídas, as práticas educacionais, bem como os modelos de educadores que oportunizam um pensamento criativo e autoral.

Segundo Madalena Freire (2008), são os instrumentos metodológicos que alicerçaram o trabalho do educador na busca de uma concepção de educação democrática que propicia a seus alunos a oportunidade e o desejo de uma vida rica em experiências e saberes. O professor de educação infantil é um narrador da experiência da criança que, no início de sua vida, não consegue atribuir sentido ao que está sentindo, e tampouco nomear o que lhe acontece. No início da relação entre educador e educando essa atribuição de sentido se dá por suposições. Se a

criança chora, vamos logo dizendo para ela o que pode estar sentindo. Está chorando? Por quê? Quer água? Ir ao banheiro? Está com fome? Somente através da observação, dos laços afetivos criados, pode-se perceber o que o outro quer. O professor é um leitor de desejos. Para observar, o educador deve ter um olhar apurado, ver e ouvir o que a criança está dizendo e não o que deseja ouvir.

No início de cada ano, tudo é muito intenso. É o começo de novas relações, o grupo começa a se constituir como grupo, os vínculos estão sendo construídos, bem como as regras da sala de aula. A mediação do professor é fundamental para que esta adaptação aconteça. As palavras exercem papel importante na construção dessa relação. A cada dia, a cada aula, vamos estabelecendo as regras de convivência, nos descobrindo uns aos outros, na constância da rotina, enfrentando o medo do novo.

A creche é o espaço em que cada um se mostra em sua singularidade e na sua pluralidade, na medida em que é o primeiro ambiente fora do contexto familiar da criança. O professor deve estar atento para não cair no embuste de pré-conceituar as relações e interações que observa. A toda hora me pergunto quantas marcas da concepção autoritária, que vivi, ainda são expressas por mim no dia a dia.

Observar a si próprio e ao grupo é tarefa do educador. Mas, por vezes, fazemos apenas uma leitura superficial do que vemos. Criamos um mundo ilusório pré-conceituando as pessoas. A um, designamos o papel de falador, de dinâmico, a outro, de mordedor, de agressivo e assim por diante. Exercitar meu olhar, minha escuta, estar atenta ao que falo dentro e fora de sala foi seguramente o primeiro passo rumo a essa mudança de atitude. “A aprendizagem é a possibilidade de produzir sentido às suas experiências. Planejar inclui escutar a criança para poder desenhar uma ação que amplie as suas possibilidades de produzir significados” (CORSINO, 2012, p.113).

1.2. Reconstrução do olhar

“Se eu plantar pedra, vou ter um pé de pedra.” Esta afirmação é de uma criança e a vi exposta em uma escola da zona sul do Rio de Janeiro. Ao visitar esta escola, me encantei com o luxo, com o trabalho pedagógico e com as frases de autores expostas na unidade. Mas, foi essa frase que me marcou, me encantou. A

beleza dessa frase está no olhar de quem a lê. A aprendizagem feita por meio da experiência é muito mais significativa. O que está em jogo aqui não é se a afirmação está certa ou errada, mas a sensibilidade e a capacidade dos educadores de perceber a importância da experiência na vida da criança. Hoje, a pedra lhe dará um pé de pedra viçoso, amanhã, quem sabe, frutificará em novos saberes, em novas construções. Em um espaço autoritário, essa frase teria sido descartada, menosprezando-se e desvalorizando-se o pensamento dessa criança. O processo de construção de conhecimento é tão importante quanto o produto final. Não existe um único sentido. A filosofia me trouxe essa clareza – a verdade é uma construção e não uma imposição – e, por isso, a sua importância e relevância no meu caminho como pessoa, educanda, educadora e para a Educação.

O planejamento é o norteador da ação pedagógica, mas é a reflexão, a avaliação que vai dar vida e movimento a esse planejamento do educador. Dar vida e movimento ao planejamento é dar condição a essa criança para se expressar, para conhecer, criar, imaginar, significar o mundo que a rodeia. Para que isso aconteça, o professor deve firmar um compromisso consigo mesmo e com cada um de seus alunos. O ato de ensinar não é neutro, porque trazemos conosco as marcas de nossas experiências. Ser um educador competente não é viver na apatia, repetindo o que já viveu de forma mecânica, como um depositário de conteúdos.

Além disso, seguramente todos já ouvimos que vivemos numa "sociedade de informação". E já nos demos conta que esta estranha expressão funciona às vezes como sinônima de "sociedade de conhecimento" ou até mesmo de "sociedade de aprendizagem". Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos "informação", "conhecimento" e "aprendizagem". Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. E não deixa de ser interessante também que as velhas metáforas organicistas do social, que tantos jogos permitiram aos totalitarismos do século passado, estejam sendo substituídas por metáforas cognitivas, seguramente também totalitárias, ainda que revestidas agora de um look liberal democrático (LARROSA, 2002. p. 22).

Para ensinar, o professor precisa aprender e reaprender o que sabe junto com seus alunos. Afinal, cada turma tem singularidades e particularidades próprias. Nossa incompletude nos leva a questionar essa existência e a filosofia de Nietzsche, por exemplo, nos revela o caráter ilusório da vida. Para ele, o conhecimento nasce de uma experiência pessoal que a ciência não dá conta de expressar. Para aprofundar seu pensamento, Nietzsche traz a dualidade dos deuses Apolo e Dionísio encontrando assim o fundamento necessário para construção de conhecimento, que

só é feita na tensão existente entre razão e emoção. Somos forjados pelos nossos instintos primitivos e racionais. Mas, como exprimir o que nos falta, o que sentimos, o que pensamos, e sermos compreendidos e compreendermos os outros, nos comunicarmos? É na linguagem, onde se dá o jogo de palavras, que exercemos o poder do pensamento. Quando criamos conceitos e o tomamos como verdadeiro, nos esquecemos de que este um dia foi sensação, metáfora.

O conhecimento é visto como exclusivo da razão. Estamos acostumados a separar nossos sentimentos da razão e essa dicotomia nos leva cada vez mais a uma vida pobre em experiência. Somos levados pela razão a esconder nossa dor e sofrer torna-se então algo a ser vivido na intimidade. Segundo Madalena Freire (2008) não há aprendizagem sem dor. “Aprender não é espontâneo, nem natural. Em certo sentido aprender dói, pois se dá no trabalho com a ignorância. É um confronto com a falta, com o limite, com o desejo” (FREIRE, M., 2008, p. 204-205).

Nietzsche nos propõe uma compreensão estética do mundo, que só pode ser vista se deixarmos o Dionísio que há em cada um de nós vir à tona. Ele elaborou o conceito de *vontade de potência*, que se define pelo desejo de ser mais e melhor, desejo de superação de si mesmo em busca de crescimento e expansão. É a capacidade que a vontade tem de tornar-se real. Somos feitos de forças múltiplas e contraditórias, que exercem poder umas sobre as outras. A palavra é o instrumento que viabiliza esse poder, quando utilizada para construir novos conceitos, criar novos valores, novas concepções de vida.

Minha história como educadora é recente. Em 2008, quando cheguei à creche, nada sabia. Foi observando, assimilando as práticas da instituição – instigada pela necessidade, curiosidade e, pelo prazer que trabalhar com crianças me proporcionava – que pude aprender alguma coisa sobre educação. No entanto, fui instruída desde pequena a associar o campo da educação ao conhecimento pela razão, pelo intelecto.

A filosofia me mostrou que o corpo é parte essencial para a construção do conhecimento, pois aprendemos com nossa totalidade e por isso busco compreender como a palavra exerce poder nesse aprendizado, porque é com ela e através dela que o professor põe em prática sua ação de educar.

2 CUIDAR É EDUCAR

Perceber a articulação existente entre razão e emoção foi fundamental para que meu olhar fosse modificado em relação às coisas simples do cotidiano escolar que, no fundo, tem grande importância na constituição do sujeito, pois retratam que o ato de cuidar é também um ato educativo.

É o cuidado que permite a revolução da ternura ao priorizar o social sobre o individual e ao orientar o desenvolvimento para a melhoria da qualidade de vida dos humanos e de outros organismos vivos. O cuidado faz surgir o ser humano complexo, sensível, solidário, cordial, e conectado com tudo, e com todos no universo. O cuidado imprimiu sua marca registrada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano. Sem o cuidado o humano se faria inumano (BOFF, 1999, p.190).

A teoria não sobrevive sem a prática, tampouco a prática sem a teoria, mas só o conhecimento disso não basta, há que se refletir sobre ambas. Para trabalhar com as crianças na creche, o educador precisa dar a mesma importância às ações de cuidar e de educar. Organizar tempo e espaço para que essas ações aconteçam entrelaçadas à rotina. O planejamento deve ser pensado, mas não pode ser inflexível – cuidar é parte integrante da educação.

Percebi que as ações de cuidar vividas na escola devem ser refletidas, pois se apresentam na interação entre educador, educando e o grupo. Para isso, precisamos saber diferenciar espaço público e espaço privado, refletindo assim sobre o que estamos fazendo.

Espaço privado é o lugar onde há laços de parentesco com duas autoridades centrais, que são construídas e preservadas na proteção da privacidade, na intimidade do lar. Espaço público é o espaço do bem comum, de muitas autoridades, onde iniciamos a aprendizagem de conviver em um grupo de iguais, onde temos os mesmos direitos.

Na família, a aprendizagem se dá de forma natural e espontânea – ninguém estuda para ser mãe –, sedimenta-se na intuição, na informalidade, na relação do que já introjetamos pelos modelos (pais) e que são orientados pelos valores já construídos. Na educação da escola, a aprendizagem não é natural, existe uma intencionalidade no ato de ensinar, trabalha-se a sistematização do conhecimento, temos educadores profissionais.

Como vimos anteriormente, a creche, a princípio, tinha como pano de fundo o assistencialismo, e ainda hoje há quem faça da creche extensão de suas casas.

A ação educativa deve ser exercida entre autoridades de educador e de educando e corresponde à condição de se viver na pluralidade pelo fato de que todos habitam um espaço comum com autoridades diferentes. Segundo Hannah Arendt (2009), a existência do gênero humano baseia-se em um milagre, que está contido no poder de começar algo novo. Para ela “cada homem é em si um novo começo, uma vez que por meio do nascimento veio ao mundo, que existia antes dele e vai continuar existindo depois dele” (ARENDR, 2009, p. 43-44).

Ela diz ainda que: “É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original” (ARENDR, 2009, p. 188).

Na minha experiência como professora, percebi que é por meio dos sentidos que as crianças apreendem e significam o mundo. Para que isso aconteça, é preciso que nós adultos tenhamos consciência de que esse mundo em que vivemos é resultado das nossas ações individuais. Somos todos iguais e ao mesmo tempo únicos. “A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.” (ARENDR, 2009, p. 16)

O que estamos fazendo para que essas ações, aliadas ao discurso que as fundamentam, sejam relevantes para a formação desse sujeito? A educação deve preparar a criança para assumir responsabilidades sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Para fazê-lo é necessário que tenha vivido experiências de cuidado, já que serão essas experiências que lhe darão suporte para discernir, construir sua moral e manter um conjunto de normas e princípios que nortearão sua vida.

Uma vez que, na faixa etária que corresponde à creche (seis meses a três anos e onze meses), o desenvolvimento físico, pessoal, cognitivo e social ocorre com mais velocidade e sua moral é construída pela obediência; certo ou errado é aquilo que os adultos dizem, as palavras ditas e também as não ditas, mas expressas pelo corpo do educador nortearão essa existência. Assim temos que dar valor às ações do conhecimento construídas tanto pela razão, quanto pelo corpo, pois elas determinarão o modo de pensar, ou seja, o conhecimento adquirido pelas crianças a partir de experiências, vivências e observações.

Para Madalena Freire (2008), a matéria prima do educador não é o conhecimento, mas a pessoa humana; que não é só razão, ela é amorosidade. Só

se aprende quando se faz vínculos, de amor ou de ódio, pois ninguém aprende na indiferença. É pelo outro que vejo quem sou. “Quando passamos a ir para escola inaugura-se o que tem de mais primordial na vida humana, que é a introdução no espaço público” (FREIRE, M., 2008, p.197).

Hannah Arendt nos diz que a escola ainda não é um espaço público, segundo ela, o termo público significa mundo. “Mas o que seria mundo? Mundo é o espaço onde a teia das relações humanas se dá, onde os homens se movem entre outros homens. É o lugar onde a singularidade de cada pessoa se mostra e só pode ser percebida pelo outro”. (PADILHA, 2017, p.1)

Madalena Freire nos instiga a pensar na escola como um local de reflexão. “Escola não é casa, casa não é escola” (FREIRE, M., 2008, p.145). Há de se pensar a escola como um ambiente diferente do espaço familiar. É na escola que aprendemos a importância dessa interação entre o espaço público e o espaço privado, e da relação entre as pessoas; percebemos nossa finitude e também como atuar na esfera pública. A criança precisa crescer sabendo e exercendo seus direitos e deveres.

Ao trazer o conceito de espaço público, não quis estabelecer identificação entre a proposta de Madalena Freire e Hannah Arendt, mas dar visibilidade e observar quais argumentos nelas me atraem; em uma, vejo a importância da construção desse conceito na formação da criança e, na outra, a reflexão de um espaço comum a todos e igualitário, onde não haja dominador, nem dominado. A interpretação que faço desse conceito sob duas perspectivas tão diferentes, me faz recordar as aulas sobre o filósofo Walter Benjamin. Segundo ele, duas teorias não precisam virar uma síntese, tampouco um argumento precisa necessariamente derrubar o outro. Mas, ao gerar uma tensão entre elas, pode-se aproveitar o que há de melhor em cada uma, havendo assim um enriquecimento de ideias.

A autonomia do homem, tão valorizada e necessária ao espaço público, não surge do nada, é construída. A educação infantil tem papel fundamental nessa construção, pois nela a criança aprende a se conhecer a partir do olhar do outro, através de sua fala e de sua ação. É o espaço onde as “vozes” podem ser expressas e ouvidas no intuito de construir um novo olhar sobre o mundo já existente e transformar tendências a partir da construção de novos conceitos. Mas, como isso é feito na relação com as crianças? É nas pequenas coisas do dia a dia que vamos ensinando a criança a construir esse sentido. Coisas simples, como

dividir e guardar brinquedos, não desperdiçar alimentos, não sujar os espaços, saber ouvir, falar, compartilhar experiências, ter empatia, entre tantas outras questões trazidas pelo educador e pela criança.

A ética primária deve ser construída em casa; o papel da escola é intermediar essa passagem do espaço privado para o espaço público. Na escola, aprendemos a viver e atuar nos espaços coletivos. Segundo Madalena Freire (2008) um grupo se constrói no enfrentamento do novo, no saber se expor, criando vínculos com autoridades entre iguais. Grupo que tem tarefas a cumprir, para alcançar os objetivos que têm em comum. A escola torna-se assim um lugar onde se aprende a viver em sociedade, respeitando e valorizando cada individual em busca do bem-estar e do bem viver coletivo.

Essa introdução à vida em sociedade não pode ser desprovida de autoridades, de valores humanos, que vão dar suporte à conduta do professor. A ferramenta básica para pôr em ação esses conceitos é a palavra; por meio dela e com ela o professor traz à baila questões fundamentais como cuidado, atenção, escuta, observação, respeito, reflexão, intervenções. Ele deve ter consciência do papel e do lugar que ocupa, saber o que representa, tornar-se referência, assumir responsabilidades, pois, quando atua como professor, passa a ser uma pessoa pública.

Trabalhar com crianças da educação infantil significa ter ciência de uma concepção voltada para o desenvolvimento integral, que dá a mesma importância às ações de cuidado e às de educação. Na relação cotidiana com as crianças o educador deve identificar necessidades e desejos de seus educandos.

Pode-se entender que cuidar não envolve só uma habilidade técnica, mas atenção, reflexão, contato, e, levando-se em conta o componente emocional, cuidar envolve carinho, atenção ao outro. Trata-se de algo da ordem do corpo, da emoção e da mente, de modo integrado (GUIMARÃES; GUEDES; BARBOSA, 2013, p. 248-249).

O curso de formação do Pró-Saber me fez perceber que essas ações envolviam todas as dimensões constitutivas da criança, mas, sobretudo, as minhas.

Quando educo, sou educada. Saber dessa tensão existente entre a razão e a emoção, senti-la, foi seguramente um desequilíbrio para minha percepção de educador e de pessoa.

Quanto ao homem singular, a tarefa de educação é a seguinte: torná-lo tão firme e seguro que ele como um todo não possa mais ser desviado de sua rota. Em seguida, porém, o educador deve causar-lhe ferimentos, ou utilizar

os fermentos que o destino lhe faz, e quando desse modo tiverem surgido a dor e a carência, pode também, nos lugares feridos, ser inoculado algo novo e nobre. Sua natureza inteira o acolherá em si e mais tarde, em seus frutos, fará sentir o enobrecimento. (NIETZSCHE, 1978, p.107)

Tornar-me consciente das forças que me constituem e saber que são elas que nortearam minha existência, faz com que recaia sobre mim a responsabilidade de ser quem sou.

3 LINGUAGEM: A CONEXÃO ENTRE O PROFESSOR, A CRIANÇA E O MUNDO

Só a linguagem é capaz de identificar o ser humano e os diferenciar de outros animais. Essa necessidade de diferenciação, de vida em sociedade, de se reconhecer em um outro, essa dependência física, afetiva nos levou ao desejo de comunicação. Como cada um de nós conquista a linguagem, quando começa essa interação e interrelação entre nós e a linguagem? O que faz parte de mim, o que faz parte do outro?

Assim que nascemos, se não choramos, recebemos um tapinha e logo estamos expressando nosso desconforto, chorando. Já de início, nos obrigam a respirar linguagem. Assim se faz ao longo da vida; a linguagem fundamenta todo o processo de desenvolvimento e aprendizado. No entanto, a linguagem não é inata, resulta da interação e mediação do outro, pois não depende apenas do desenvolvimento físico, mas também do psicológico, social e cultural. Para Vygotsky, na visão de Patrícia Corsino,

o ser humano constitui-se como tal na sua relação com o outro social. A interação social é um processo que se dá a partir e por meio de indivíduos como modos de agir determinados histórica e culturalmente, não sendo possível dissociar as dimensões cognitivas e afetivas dessas interações e os planos psíquico e fisiológico do desenvolvimento decorrente dela (VYGOTSKY apud CORSINO, 2012, p. 4).

A criança ao nascer traz consigo a potencialidade de tornar-se humana e se humaniza com os outros através das relações que constrói. É um ser social desde a sua concepção, pois foi gerada por dois seres humanos. O papel da escola, do educador, é escutar e estar atento às manifestações culturais e sociais que as crianças expressam, principalmente nas brincadeiras.

Entendemos que, no contexto das relações que se estabelecem no interior das escolas, é a presença da linguagem que pode garantir a vida, a troca de experiências, a construção de uma história coletiva, a comunicação, a criação de novos sentidos sobre as coisas, sobre o mundo e sobre si mesmo (CORSINO, 2012, p.48).

Quando iniciei na educação infantil me vi diante de um abismo: como me relacionar com esse sujeito criança que não percebe o mundo pela mesma ótica de um adulto? Para ela, o tempo, o mundo, giram em torno de suas necessidades e desejos. Ela é pura vontade e por uma necessidade de organização, vamos ordenando sua vida através de conceitos. Como estabelecer a rotina, as regras

necessárias para uma boa convivência, sem esmagar essa espontaneidade, essa liberdade de ser?

Para Nietzsche, o que nos move é essa vontade que nos impulsiona. Essa luta permanente entre a razão e a emoção é da natureza humana, mas na criança prevalece a força irrefreável dos impulsos, ela é pura vitalidade.

As crianças observam o comportamento das pessoas e das coisas ao seu redor e começam por reproduzi-lo, através da linguagem e da comunicação gestual. O papel da imitação é essencial, pois constitui-se como modelo e referência constante para ela. Em seu mundo ela atua e pode tornar-se o que quiser, objetos ganham um novo significado. Com o corpo expressa suas necessidades, seus desejos. É com ele que ela se comunica antes mesmo da fala, mas é a palavra que faz dela humana, dá sentido ao que sente, às suas experiências e são os educadores que nomeiam esses acontecimentos enquanto ela é pequena.

As brincadeiras ressignificam a realidade, trazem à tona o que está interiorizado nela, que está relacionado ao que ela vive em casa, na creche, nos ambientes em que se socializa.

É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por uma imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura (BROUGÈRE, 1995, p. 97).

A brincadeira desperta a curiosidade da criança, faz com que ela seja participativa, aprenda a ter iniciativa e autoconfiança em suas ações. Através da brincadeira, a criança imagina, cria, transforma, descobre, inventa, pois vê o mundo de forma diferente. As palavras fazem parte desse universo lúdico, com elas a criança compreende e vê o mundo pela sua ótica de criança.

Walter Benjamin (2002) em seus relatos mostra a brincadeira como expressão da linguagem e usa a faculdade mimética para explicitar a capacidade que o ser humano possui de imitar e produzir semelhanças, criando um acervo de imagens, através das relações de conhecimento e das experiências. Nas brincadeiras, podemos observar como a criança está imersa no comportamento mimético, nela se transforma não só em outra pessoa (pai, mãe, professores), mas também em animais (gato, cachorro, lobo, cavalo), objetos (moto, carro) e personagens (Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, Hulck, Homem-Aranha). Esse comportamento permite que elas se relacionem e dialoguem com as coisas do mundo, possibilitando

assim identificá-lo e decifrá-lo. Essa mesma capacidade mimética fará com que a criança se acomode no tempo do adulto, indo ao encontro dele por meio das experiências vividas. Enquanto produz semelhanças, elabora hipóteses. Experimentando, aprende, constrói a noção temporal, ressignifica a realidade, se apropriando dela, recriando-a ao sistematizar essas situações durante as atividades.

Em sala de aula, as palavras ganham mais importância na medida em que as crianças percebem que com elas podem argumentar, expressar, reivindicar, fazer-se presente aos olhos dos outros, se relacionar. Com elas explicitam o que vivem dentro e fora de sala, fazendo com que quem as ouve possa compartilhar dessas vivências. Para Walter Benjamin, a narrativa tem papel fundamental na vida do sujeito, e é na linguagem que as experiências são expressas.

A rotina é o norteador da ação pedagógica, mas não deve se tornar instrumento de controle do educador. Há tempo para tudo, mas tem que ser um tempo qualitativo, e, para essa compreensão, o educador deve conhecer como essa construção se dá. Na educação infantil o uso de diferentes linguagens tais como corporal, oral, lúdica, e gráfica orientam o trabalho do educador. É importante pensarmos como o planejamento do professor se coloca à disposição dos diálogos existentes em sala, como essas experiências são observadas e que discussões e reflexões acerca delas podem ser feitas, tanto pelo educador, quanto pelas crianças. Pensar a qualidade dos relacionamentos vividos no cotidiano escolar. Observar, escutar de que forma as palavras e os conceitos são percebidos e apreendidos por essas crianças, saber o que estão construindo com o que estão vivendo e sentindo.

Viver uma experiência não é deixar as crianças soltas para fazer o que quiserem e tampouco o conhecimento tem a ver com excesso de informação. A creche, como um espaço onde as múltiplas linguagens da criança se manifestam, deve valorizar os diálogos e expressões próprios do universo infantil percebendo como as crianças, através de suas ações, se apropriam e recriam a realidade, ao utilizarem para isso sua imaginação.

Loris Malaguzzi com o poema, traduzido por Lella Gandini: “De jeito nenhum, *As cem existem*”, vem exemplificar as várias linguagens que a criança utiliza para se expressar. Ao desenhar, brincar de casinha, de massinha, correr, saltar, cantar; ela constrói conceitos, expressa seus pensamentos.

A criança tem cem linguagens e cem mãos, cem pensamentos, cem maneiras de pensar, de brincar e de falar.
 Cem, sempre cem modos de escutar, de se maravilhar, de amar.
 Cem alegrias para cantar e compreender.
 Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.
 Cem mundos para sonhar.
 A criança tem cem linguagens (mais cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove.
 A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.
 Dizem à criança; de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar,
 De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.
 Dizem à criança; de descobrir o mundo que já existe e de cem, roubaram-lhe noventa e nove.
 Dizem à criança; que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação,
 O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.
 Assim dizem à criança; que as cem não existem. A criança diz: de jeito nenhum, as cem existem”. (MALAGUZZI, 2016, p. 21)

Mas o que fazer para que essas cem linguagens da criança não se percam no labirinto da rotina? Sabendo que elas se manifestam de inúmeras maneiras e que são as palavras que as articulam e que farão desse encontro das expressividades infantis uma possibilidade de renovação da vida.

Nietzsche (Os pensadores, 1978) há muito chamou atenção para a finitude do ser humano – o homem com sua essência criadora esqueceu-se de sua essência criativa, instintiva. Para ele os conceitos têm fins práticos e necessários, mas é a intuição que faz com que ele se recrie constantemente. Essa capacidade criadora e criativa do homem é expressa, sobretudo, na linguagem poética. A articulação existente entre a filosofia e a vida nos dá parâmetros para atuar como professores, pois nos convida a dar um mergulho no incompreensível, aprofunda nossas sensações, nossa liberdade de ser, de sentir. Há na linguagem uma proposta de interlocução, de interpretação que é mutável, impermanente, assim como a vida. “Mas se eu esperar compreender para aceitar as coisas – nunca o ato de entrega se fará – tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão” (LISPECTOR, 1990, p. 73).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de formação me proporcionou a quebra de dois pré-conceitos. O primeiro, a inutilidade da filosofia para a formação de professores da educação infantil e o segundo, achar utilidade para todas as coisas.

A tarefa dos filósofos não é muito diferente da nossa; surge das pequenas coisas, nasce de um espanto. O extraordinário se faz presente no cotidiano e, sobretudo, na infância.

Estava acostumada à filosofia tradicional moderna, em que o homem é visto essencialmente como um animal racional, como nos afirmou Descartes. A razão é norteadora do pensamento e do conhecimento e só ela tem a capacidade de estabelecer a verdade. Para Descartes, não são todos os homens que usam essa capacidade corretamente, pois, para isso deve-se utilizar um método.

Até conhecer o Pró-Saber, acreditava também que só havia uma verdade, e que para encontrá-la deveria me debruçar em livros e teorias, procurando o caminho certo para chegar ao conhecimento. No entanto, tive um sobressalto ao perceber que pode e deve ser diferente. Conhecer outros filósofos como Walter Benjamin, que olha para criança e percebe que ela estabelece uma relação com o mundo diferente da nossa. Hannah Arendt e o foco no que há de mais precioso no homem, a sua humanidade. Madalena Freire e Maria Cecília Almeida e Silva que acreditam e fazem parte da história por uma educação de qualidade; a escola como um espaço vivo e rico em experiências.

Mas, o que me desequilibrou e fez com que eu revisse todo o conceito de uma vida foi o filósofo Friedrich Nietzsche. A maneira como ele apresenta a dualidade de Apolo e Dionísio me fez rever minha existência e perceber que o que sinto não me torna fraca, ao contrário, faz parte de mim e me possibilita compreender que é a minha humanidade, que me faz mais capaz para atuar como professora. Ser professor é construir a humanidade nos outros enquanto revê e aprimora a sua própria humanidade.

E como sei tudo isso? Foram as palavras que fizeram com que seus pensamentos fossem expressos, e ganhassem sentido para mim e tantos outros, nessa interlocução que fizemos com seus escritos ou com suas falas. Esse poder criador de renascimento só é possível através da linguagem, nela se funda o pensamento humano.

Muitas vezes enquanto escrevia pude ver a importância desses personagens em minha vida, em minha escrita, e o quanto deles permanecem em mim. Em outros momentos refletia como um conceito, visto sob perspectivas diferentes, podia ser ao mesmo tempo, distinto e similar.

A toda hora me perguntava quem sou, o que sou, e por que sou. Percebi que sou um pouco de cada um que compartilhou comigo saberes e sabedorias. A filosofia foi fundamental para todas as descobertas que fiz, sobretudo, por desvelar o caráter transitório das coisas e da vida.

O conhecimento é luz e, quando sintonizado com a luz, desejos e sonhos de cada um (e de todos), transforma-se, encarna-se em vaga-lumes, estrelas constelantes que iluminam, irradiando, reverberando energias para a mudança. O crescimento deve ser sempre celebrado, glorificado. A vida, este único presente que nos é dado de graça, como GRAÇA a ser assumida. (FREIRE, M., 2015).

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. A vida activa e a condição humana. In: Hannah Arendt. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. As esferas públicas e privada. In: _____ **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. Ação. In: _____ Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. O sentido da política. In: **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.

BOFF, Leonardo. **Saber e cuidar: ética do humano-Compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo, Cortez, 1995.

CORSINO, Patrícia. A brincadeira com as palavras e as palavras como brincadeira. In: _____ (Org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. São Paulo: Autores Associados, 2012.

_____. Considerações sobre o planejamento na educação infantil. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. São Paulo: Autores Associados, 2012.

_____. (Org.). Introdução. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil: cotidiano**, São Paulo: Autores Associados, 2012.

DOURADO, Josiane Rodrigues. **Breve histórico da educação infantil**. Disponível em: <http://breve-historico-da-educacao-infantil/> acesso em: 12 de outubro de 2017.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FOMAM, George. **As cem linguagens da criança**. v.2. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREIRE, Madalena. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. Vida de professor. Rio de Janeiro: **Comunidade Pró saber**. 2015, disponível em: <<http://www.prosaber.org.br/comunidade/?p=7506>> Acesso em: 27 de out. 2017.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Organizações e notas Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____.; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo-leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GUIMARÃES, Daniela; GUEDES, Adriane Ogêda; BARBOSA, Sílvia Néli. Cuidado e Cultura: propostas curriculares para o trabalho com crianças até três anos. in. KRAMER, Sônia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina (Orgs.) **Educação Infantil: formação e responsabilidade**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

KRAMER, Sônia. De que professores precisamos na educação infantil? Uma pergunta várias respostas. In: **Revista Pátio Educação Infantil**. Ano I. n. 2, Ago/Nov. 2003.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira**. n.19. Jan/Fev/Mar/Abr. 2012. disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/rebedu/n19/n19a03.pdf>> acesso em: 19 out. 2017.

GUIMARÃES, Daniela. As manifestações infantis e as práticas pedagógicas. In: NASCIMENTO, Analise (Org.). **Educação infantil e ensino fundamental**: contexto, práticas e pesquisas. RJ. NAV. 2011.

NUNES, Maria Fernanda R., CORSINO, Patrícia. A institucionalização da infância. CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil**: cotidiano e políticas. São Paulo: Autores Associados, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo. Abril Cultural. 1978. (Os Pensadores) N581o, 2.ed.

_____. Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral. In: Friedrich, Nietzsche. **O livro do filósofo**. São Paulo: Centauro, 2005.

PADILHA, Paula (Org.). **Laboratório do pensamento**: ética / editor Maria Cecília Almeida e Silva. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2017.

_____. O mundo ampliado pela amizade em Hannah Arendt. Rio de Janeiro: **Pró- Saber**, 2017. (mímeo)

RODRIGUES, Carla. As palavras e a tarefa dos filósofos. In: **Revista Ao Largo**. v.2. Pró Saber. 2016. Disponível em: <<http://www.prosaber.org.br/publicacoes-revista-perfil.asp?id=5>>. Acesso em: 28 out. 2017.

TIRIBA, Léa. **Educar e Cuidar, ou simplesmente educar?** Buscando a teoria para compreender discursos e práticas. Rio de Janeiro: PUC, 2015.